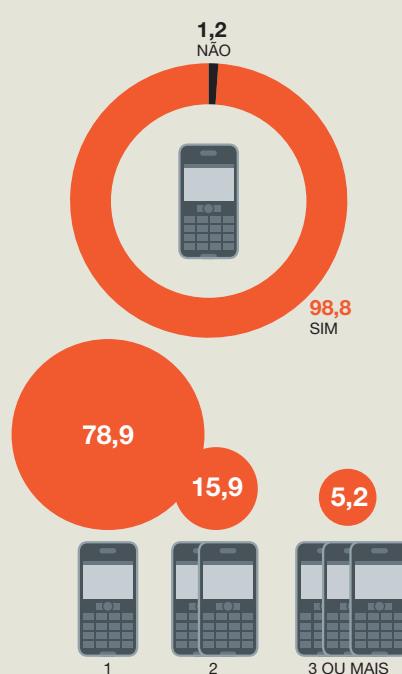


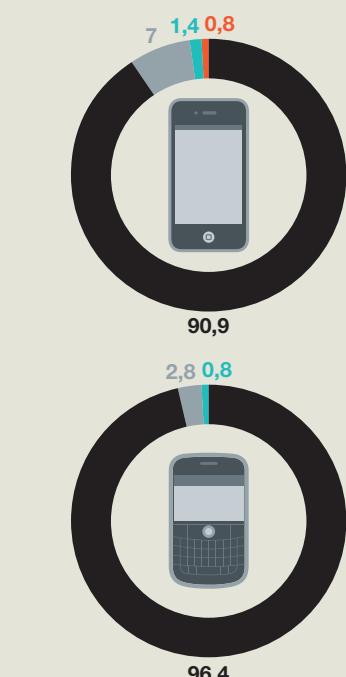
SONDAGEM i/PITAGORICA

POSSE DE TELEMÓVEL (%)

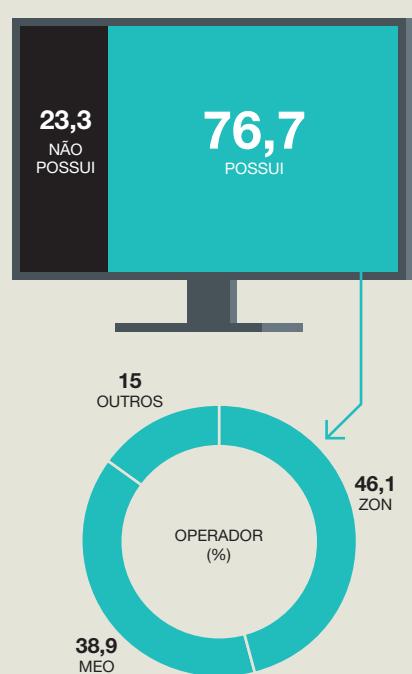


POSSE DE iPHONE E BLACKBERRY (%)

■ 1 ■ 2 ■ 3 OU + ■ NÃO POSSUI



POSSE DE ASSINATURA DE TV (%)



Evgeny Morozov.

Ensaio sobre a cegueira dos ciberoptimistas

O investigador bielorrusso quer amainar a onda de optimismo em torno da internet como alegado instrumento libertador das sociedades

JOANA AZEVEDO VIANA

joana.viana@ionline.pt
Em Amesterdão, Holanda

Quem passou as décadas de 80 e 90 a ouvir falar da geração X já deverá estar familiarizado com a geração Y, a dos que nasceram e cresceram entre os anos 80 e o início dos 2000. Numa tradução livre do inglês, charna-se a estes “actores tecnológicos” os mileniais (millennials). E 58% deles preferiria abdicar do sentido de olfacto do que do seu telemóvel.

O bielorrusso Evgeny Morozov é, por inerência, um destes mileniais. Nascido em 1984, foi o convidado mais jovem da conferência sobre “Como mudar o mundo?”, organizada pelo filósofo holandês Rob Riemen e o seu Instituto Nexus em Amesterdão esta semana. Mas a idade parece ser a única coisa que o integra no grupo em que metade das pessoas dá prioridade à tecnologia em prol dos trunfos biológicos humanos – e onde dados como esta estatística são apresentados em jeito de sinal dos tempos em livros como “*Hybrid Reality; Thriving in the Emerging Human-Technology Civilization*”, de Parag Khanna, escritor e geestratega indiano naturalizado americano.

Ao lado de Khanna no teatro da Leidseplein, no centro de Amesterdão, Morozov coíbe-se de tecer as mesmas críticas

que, uma semana antes do encontro, fez ao livro na sua coluna semanal na revista “The New Republic”: esta última publicação de Khanna é um “panfleto” repleto de “disparates digitais futuristas” e de dados como o dos 58%, a que chama “factóides irrelevantes”. Palavras suficientes para perceber que Morozov é um milenial desiludido.

Chamam-lhe cibercéptico, um dos líderes de uma nova corrente de pensamento sobre o advento da internet e das tecnologias e o perigo de olhar para elas como armas libertadoras dos povos. Quando, em Junho de 2009, milhares de iranianos saíram às ruas de Teerão para a Revolução Verde – exigindo a queda do presidente reeleito Mahmoud Ahmadinejad, acusado de fraude – os media internacionais influenciaram e muito a forma como se olhou para esse embrião da Primavera Árabe.

Mas enquanto a generalidade aplaudia o poder galvanizador das redes sociais no Irão, Morozov reforçava as críticas assíduas ao lado nocivo destes instrumentos, ainda que dois meses antes tivesse feito parte dessa onda optimista, tornando-se num dos primeiros a falar de uma “Revolução Twitter” perante protestos semelhantes na Moldávia, depois das eleições parlamentares.

“Foi difícil não ser infectado pelo opti-

mismo e excitação em torno da agenda de liberdade pela qual se lutava na altura”, diria Morozov ao “The Guardian” em 2011. “Pensei genuinamente que [as redes sociais] estavam a fazer a diferença. A democracia parecia estar a avançar, a marchar, e a web 2.0 parecia fazer parte disso, unindo as pessoas nas ruas.” Os acontecimentos que se seguiram em Teerão desfizeram esse castelo de areia. O mesmo efeito que a retórica de Morozov no debate no teatro de Amesterdão e depois à hora de jantar, numa recepção organizada nos arquivos municipais da cidade em que a jornalista o apanhou disponível, parece capaz de surtir.

“Estas ideias que foram surgindo em torno da internet e das tecnologias, isto de toda a gente achar que a internet é a melhor coisa que foi inventada, é contraposta pelo que as pessoas em Silicon Valley estão a fazer, por exemplo”, diz a esbugalhar os olhos, num inglês fluente mas com algum sotaque. “Estamos a viver a era do solucionismo desmesurado, inventam-se soluções para problemas que nem sequer existem e as coisas são cada vez mais mediadas pela tecnologia. Se ao menos conseguíssemos compreender o que queremos, que problemas temos e porque é que eles apareceram; se acalmássemos esta necessidade desenfreada de perfeccionismo...

